

# Diários: a escrita confessional de Lúcio Cardoso à luz da teoria de Philippe Lejeune

Cynthia Lopes de Oliveira<sup>29</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Javer Wilson Volpini<sup>30</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Adriana Kelly Furtado Lisboa<sup>31</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Recebido em: 23/01/2017

Publicado em: 01/08/2017

## Resumo

Partindo-se dos estudos de Philippe Lejeune sobre a escrita de si, inseridos na obra intitulada *O pacto autobiográfico* (2014), a presente pesquisa lança um olhar sobre *Diários* (2012) de Lúcio Cardoso (1912-1968), em sua mais recente edição organizada por Ésió Macedo Ribeiro. Em seu estudo, Lejeune dedica um capítulo à escrita confessional, considerando-a um subgênero da autobiografia, e discorreu sobre as várias utilidades de se manter um diário. Os diários de Lúcio Cardoso são fonte de pesquisa para quem deseja conhecer mais sobre a escrita íntima desse escritor e para quem deseja acompanhar a forma de produção de seus romances. Revelam, na sua essência, traços da introspecção e da fragmentação, características essas que se farão presentes na sua obra como um todo. Cruzando os escritos íntimos de Lúcio Cardoso com a proposta de Lejeune, procura-se elucidar o texto de Cardoso, visto aqui como ponto de partida para compreensão de suas concepções literárias, políticas, religiosas, e outros temas abordados em seus diários.

## Palavras-chave

Escrita confessional. Lúcio Cardoso. Diário. Philippe Lejeune.

<sup>29</sup> Doutoranda do PPG Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF/MG).

<sup>30</sup> Doutorando do PPG Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF/MG) e Professor assistente do Instituto de Artes e Design (UFJF/MG).

<sup>31</sup> Mestre em Literatura pelo CES-JF/MG.

## Introdução

Os escritos confessionais do mineiro Lúcio Cardoso são o ponto de partida para a análise literária desse escritor, nascido em Curvelo, em 1912. Dentre suas publicações podem-se destacar as novelas *Mãos Vazias* (1938) e *O desconhecido* (1940), os romances *Crônica da casa assassinada* (1959) e o inacabado *O viajante* (1970), todos esses com adaptações para o cinema. Além dessas publicações, escreveu peças de teatro, dois livros de poesias, um livro infantil, publicou dois volumes de seus escritos autobiográficos em forma de diários e se aventurou como roteirista e diretor de um filme que deixou inacabado: *A mulher de longe* (2012), lançado em forma de documentário. Em 1962, quando sofreu o primeiro derrame, ficando hemiplégico e afásico, estando, pois, impossibilitado de falar e escrever, passa a pintar, com a mão esquerda, imagens que, certamente, já se encontravam descritas em seus romances e poemas. Em 1966, dois anos antes da sua morte, recebeu o prêmio Machado de Assis da *Academia Brasileira de Letras*, pelo conjunto da obra.

Ancorada aos estudos de Philippe Lejeune sobre a autobiografia e seus subgêneros, a escrita de si revela pistas sobre o projeto literário de Cardoso. A motivação para esse trabalho parte da dificuldade em se classificar obras de cunho intimista e pessoal, como são os diários, e da necessidade de lhes aferir importância e reconhecimento enquanto obras literárias.

Perpassando pelas considerações de Lejeune sobre a utilidade dos diários, pretende-se reconhecer não só o grande valor como documentos essenciais na conservação da memória – refletores de um tempo e espaço específico – mas também, como obras projetadas para o futuro, que se pretendem elos de identificação com seus possíveis leitores.

Este estudo dialoga com o ponto de vista da escrita intencional, quando, conscientemente, o escritor projeta seus escritos para uma futura publicação, fato que não desqualifica tais obras enquanto confessionais, mas, sim, acrescenta-lhes uma visão particular e direcionada do escritor para com seu público. Assim, reconhece-se a problemática de lidar com a verdade e com fatos reais e fictícios que possam ser confrontados em tais escritos, estando, pois, a verdade a serviço da ficcionalização ou invenção desses escritores.

Por fim, pretende-se reconhecer a relevância dos diários cardosianos como fonte de pesquisa da literatura produzida e almejada por ele. A escrita cardosiana, pautada por temas polêmicos e reconhecida pela característica fragmentação, encontra respaldo nessa forma de expressão tão íntima que são os diários. Nesses escritos, pode-se verificar o quanto o

escritor se utilizou desse espaço para estabelecer uma ponte com seus leitores e testar novas formas de narrativa.

### **Os escritos diários de Lúcio Cardoso**

O ato de narrar é intrínseco ao ser humano, bem como a busca pelo autoconhecimento. As narrativas, sejam elas, orais ou escritas, são parte do legado cultural de todo povo revelando sua história, seus costumes, suas crenças e modos de vida. Maurice Blanchot (2011, p. 20) afirma que a partir do momento em que "a obra se converte em busca da arte, se converte em literatura, o escritor sente cada vez mais a necessidade de manter uma relação consigo", o que revela a reciprocidade entre a literatura de cunho confessional e a perspectiva do outro. A presença do escritor torna-se nítida nos traços da escrita. Para Michel Foucault (1992, p. 150), "escrever é, pois, 'mostrar-se', dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro".

Segundo Anna Faedrich Martins (2013), a literatura de aspecto íntimo, confessional e subjetiva é a que mais se aproxima do leitor por estar centrada na fala de um sujeito cuja intimidade se desnuda, estabelecendo, pois, um elo entre autor e leitor. Essas narrativas são compostas de gêneros, muitas vezes, híbridos que mesclam ficção e realidade. Dentre esses, são citados: "a autobiografia, o romance autobiográfico, a narrativa epistolar, o diário íntimo, o diário ficcional e, recentemente, a autoficção" (MARTINS, 2013, p. 126).

Lúcio Cardoso foi um representante dessa vertente na literatura brasileira, tendo publicado além de inúmeros romances e novelas ficcionais, um romance de cunho autobiográfico *Dias Perdidos* (1943) e vários escritos de cunho intimista publicados sob a forma de diários. Tais textos que compreendem escritos diários, publicações em jornais e manuscritos inéditos foram organizados pelo pesquisador Ésio Macedo Ribeiro em um único volume denominado *Diários* (2012), especialmente para o ano de comemoração do centenário de nascimento de Lúcio Cardoso. Além da publicação de textos esparsos e inéditos, Ribeiro se dedicou às correções das publicações dos diários anteriores: *Diário I* (1960) e *Diário completo* (1970). As duplicidades e transcrições errôneas de palavras e trechos dessas duas obras anteriores prejudicavam a correta análise dos fatos narrados e das concepções literárias e políticas do escritor, bem como o entendimento do processo de composição de seus romances:

Um fator que me incitou a querer reunir e rever os diários de Lúcio é que seu *Diário completo* apresenta problemas de organização e de edição, sem esquecer das partes que nunca tinham sido publicadas em livro. Também o fato de os textos publicados em periódicos, como aqueles da coluna “Diário não íntimo”, do jornal *A Noite*, do Rio de Janeiro, nunca terem sido reunidos em livro (RIBEIRO, 2012, p. 13).

Em estudo preliminar, Cássia dos Santos já havia catalogado alguns desses equívocos e salientado a necessidade de uma nova edição corrigida e atualizada dada a importância de “desvendar não apenas a interioridade do autor, por meio das anotações de cunho mais pessoal, como também suas concepções sobre literatura, política, religião e os temas mais diversos” (SANTOS, 2008, p. 68). Uma edição atualizada (como foi concebida posteriormente por Ribeiro) forneceria, sem dúvida, elementos mais contundentes para o estudo do processo de elaboração dos romances e novelas de Cardoso:

Os diários de Lúcio são dos mais pungentes já escritos em nossas letras, não só pela elegância e erudição, mas pelo conhecimento intrínseco da alma humana e, sobretudo, por desvelar, em suas páginas, elementos essenciais para a compreensão dos desdobramentos da vida e da literatura de Lúcio, bem como das suas outras atividades artísticas, tais como o cinema e o teatro, num total de 28 anos de produção literária ininterrupta e mais seis em que, hemiplégico e afásico, se dedicou às artes plásticas (RIBEIRO, 2012, p. 12).

Antoine Compagnon (2012) elege três fios cuja amarração reataria o sentido pleno do estudo literário, quais sejam: a teoria, a história e a crítica. “A teoria e a história serão as maneiras, mas a crítica – quero dizer, o julgamento ou a avaliação – será sua razão de ser” (COMPAGNON, 2012, p. 22). Assim, a literatura move-se pelos questionamentos sobre a vida, sobre a existência e sobre si mesma, em reflexões que garantem seu estado de contemporaneidade. Compagnon observa ainda, que somente a literatura permite uma visão além do próprio homem. Através da leitura, pode se enxergar planos de realidade diversos, identificações e uma visão além de si mesmo, através de outras perspectivas apresentadas. Cardoso exercia em relação à literatura as perspectivas de escritor e de observador, inserindo em seus diários uma forma crítica de avaliar sua trajetória literária. Através de sua autoficção exercitava “a arte de gostar, mas também a arte de julgar” (GLIKSOHN, 1988, p. 59). Em diversas passagens de seu diário, Cardoso reflete sobre o caráter de sua escrita, destacando a proeminência das impressões e sentimentos responsáveis pela criação dos ambientes ficcionais:

Repassando estas páginas, vejo que falta quase tudo o que me sucedeu – e examinando as notas escritas até agora, pergunto se um determinado gênero de palavras – ou de sensações – em vez de criar a impressão de realidade, não levantaria, ao contrário, uma outra, substituindo a verdadeira e se impondo com uma autonomia cheia de força? Sim, o uso de certas expressões acaba criando uma realidade nova – talvez eu não esteja completamente dentro dela, e o seu manto, que

é imposto a despeito meu, traduza somente os suspiros e as falhas de uma existência que não conseguiu se expressar (CARDOSO, 2012, p. 266).

De acordo com Compagnon (2012, p. 31), como um “exercício de reflexão e experiência de escrita, a literatura responde a um projeto de conhecimento do homem e do mundo”. Citando Zola, ele compartilha a ideia de que a verdade dita pelas obras-primas dos romances contemporâneos fala mais do homem e de sua natureza que quaisquer obras de filosofia ou de história crítica. Os escritos diários de Cardoso tornaram-se, pois, exercícios reflexivos sobre a experiência cultural de uma época com vários indícios literários que ajuízam ideias e concepções de um tempo histórico. É possível observar nos escritos diários cardosianos que compreendem os anos de 1942 a 1962, a evolução de pensamento e alternância de visões e perspectivas da época.

Para uma abordagem mais específica dos escritos íntimos de Lúcio Cardoso, far-se-á uma análise dessa literatura à luz dos estudos de Philippe Lejeune sobre o subgênero diário.

### Os vestígios da escrita cotidiana

Philippe Lejeune é um dos pesquisadores que se propõe a investigar as escritas que se amparam nas narrativas do eu. Na obra intitulada *O pacto autobiográfico* (2014), estabeleceu definições e diferenças entre os gêneros e subgêneros da autobiografia e o próprio conceito de pacto autobiográfico em que o autor institui com seu leitor parâmetros para identidade entre o narrador e o autor dos textos.

Lejeune descreve a escrita cotidiana como "uma série de vestígios datados" cujos traços invariáveis seriam a fragmentação e a repetição podendo ter formas, motivações e conteúdos diversos, além de estar disponível em vários suportes como cadernetas, cadernos, agendas, folhas soltas, e, atualmente, no ambiente virtual:

No início, os diários foram coletivos e públicos, antes de entrarem também na esfera privada, depois individual, e, enfim, na mais secreta intimidade. Digamos apenas que um diário serve sempre, no mínimo, para construir ou exercer a memória de seu autor (grupo ou indivíduo). Quanto ao conteúdo, depende de sua função: todos os aspectos da atividade humana podem dar margem a manter um diário. [...] O diário é, em primeiro lugar, uma *lista de dias*, uma espécie de trilho que permite discorrer sobre o tempo. Mas ele também foi capaz de se transformar em outra coisa (LEJEUNE, 2014, p. 301-302).

Em suas proposições, ele reforça que o diário deve refletir o pensamento de um determinado momento presente, sem indagações sobre o futuro, com a certeza de não ter

sofrido modificações. Ainda que existam diários lapidados para uma possível publicação, com valor literário, segundo ele, a partir de futuras alterações, os mesmos perderiam “a autenticidade do momento” (LEJEUNE, 2014, p. 300). Considerando-se as assertivas de Lejeune, os diários de Lúcio Cardoso não teriam uma classificação única, além da escrita cotidiana, mesclariam características da autobiografia e do memorial.

A escrita cardosiana é caracterizada por sua fragmentação e intensa reflexão literária. Em seus escritos diários, Cardoso não estabelece compromisso com o tempo e não pretende obedecer a uma rígida sequência cronológica. Antônia Cristina de Alencar Pires atesta que, embora os diários pretendam ser arquivos pessoais refletores da imagem do diarista, Cardoso rompe com essas regras de formalidade com notas esparsas "tal qual um espelho partido que, longe de refletir uma imagem inteira do seu autor, revela-a fragmentada, ainda que muitas vezes o diarista busque uma unidade identitária" (PIRES, 1998, p. 97).

Como afirma Lejeune, o diarista, enquanto escritor no presente, deixa um rastro de memórias que poderá ser o destino dessa leitura, no futuro (LEJEUNE, 2014, p. 302), por sua vez, Cardoso classifica o diário como uma “crônica de gemidos” que jamais poderia ser um relato constante, “um rio descontínuo e sem desfalecimento” que fosse delineando a vida (CARDOSO, 2012, p. 387). Ele atesta o caráter fragmentário e inconstante de seus escritos cotidianos. Não pretende produzir um diário de confidências e de fatos diários, mas um laboratório de escrita onde possa se expressar, compartilhar pensamentos e sensações e testar novas formas de narrativa.

### **As várias utilidades dos diários**

Ainda que os diários de Lúcio Cardoso tenham passado por cortes e adaptações em sua escrita, visando a sua publicação, é possível observar que eles mantêm, em sua essência, muitos traços que se identificam com o perfil de diários apresentado por Philippe Lejeune (2014), no que tange, principalmente, a sua utilidade. Nas premissas desse autor, os diários podem ser utilizados, dentre outras necessidades, para conservar a memória, sobreviver ao tempo, como forma de desabafo, de conhecer-se, deliberar, resistir, pensar e, claro, pelo hábito e gosto de escrever.

Como forma de *conservar a memória*, Lejeune declara que o diário é escrito para si mesmo e funciona como um arquivo de testemunho, incapaz de deixar que as fantasias e as reconstruções da memória tomem às rédeas no momento de reencontrar os elementos do passado. A escrita do diário, nesse sentido, oferece a possibilidade de construção da memória

com identidade narrativa. “O diário será ao mesmo tempo arquivo e ação, ‘disco rígido’ e memória viva” (LEJEUNE, 2014, p. 302). Os diários de Lúcio Cardoso corroboram com essa visão de Lejeune. Tais escritos não somente oferecem pistas sobre o pensamento cardosiano, como também, em sua essência, exprimem a construção narrativa contida nesses escritos. Em causa própria, Cardoso alega: “Não discuto o mérito da obra a ser feita – é mesmo possível que não interesse a ninguém – mas só ela me explica perante mim mesmo e é o único testemunho que posso apresentar de uma existência que, devidamente examinada, é inútil a toda gente” (CARDOSO, 2012, p. 239).

A questão do tempo parece ser essencial ao estudo dos diários. O escritor encontra-se numa encruzilhada: manter uma relação subjetiva com a escrita ou escolher uma escrita de identificação universal numa posição neutra: “O diário representa a sequência dos pontos de referência que um escritor estabelece e fixa para reconhecer-se quando presente a metamorfose perigosa a que está exposto” (BLANCHOT, 2011, p. 20).

O recurso do diário enraíza o movimento de escrever no tempo, preservado por sua data. Porquanto, Lejeune confere ao diário a denominação de vestígios: “Ele pressupõe a intenção de balizar o tempo através de uma sequência de referências. O vestígio único terá uma função diferente: não a de acompanhar o fluxo do tempo, mas a de fixá-lo em um momento-origem” (LEJEUNE, 2014, p. 301).

Nem todos os vestígios dos diários cardosianos são datados. Sobre o tempo, contudo, Cardoso (2012) tece vários comentários em seus diários. Em um deles afirma não existir nem o ontem, nem o amanhã, apenas o momento em que se vive: “Entre essas ilhas de noite e alvorada que se chamam passado e futuro, o hoje, o instante que nos faz respirar e nos possui entre seus dedos implacáveis, colore-se com a única tinta possível”. Ressalta que nem sempre o momento que se expressa é real e perfeitamente verdadeiro. Para Cardoso, há momentos nos quais, pela força do sofrimento, perde-se todo o contato com o existente e “somos apenas o ponto de encontro, confuso e tumultuário, das pobres sensações que conseguimos abrigar no coração”. Sensações descritas como emoções perdidas, pressentimentos, ânsias de uma vida ainda não atingida, como se não fosse própria, mas já na eminência de ser assimilada pelo sangue como uma revelação (CARDOSO, 2012, p. 216).

Refletindo-se ainda sobre o tempo, o diário se apresenta, para Lejeune, como forma de *sobreviver*. “Mantemos um diário para fixar o tempo passado, que se esvanece atrás de nós, mas também por apreensão diante de nosso esvanecimento futuro” (LEJEUNE, 2014, p. 303). Para ele, o diário sempre será escrito com a intenção de ser lido por alguém em um determinado tempo futuro, servindo tanto para a sobrevivência de uma memória individual

quanto para a formação de uma memória coletiva. O simples fato das publicações dos diários de Lúcio Cardoso terem ocorrido, uma parte em vida, e a outra após sua morte, já corroboram com essa função do diário apresentada por Lejeune. No entanto, Lúcio é bastante enfático e, em determinado momento, questiona quem se interessará por essa sobrevivência em seu próprio diário:

Decisão de não publicar mais os meus “Diários” senão em conjunto, e sob outro título – provavelmente “Itinerário de um escritor” ou qualquer coisa no gênero. Não creio que eu interesse a ninguém, e aos pedaços, esse constante ser que me forma e que eu com uma vivacidade tão à tona, esmiúço incansavelmente para um possível leitor. (CARDOSO, 2012, p. 508).

O diário também poderia servir para *desabafar*, “é um espaço onde o eu escapa momentaneamente à pressão social, se refugia protegido em uma bolha onde pode se abrir sem risco, antes de voltar, mais leve, ao mundo real” (LEJEUNE, 2014, p. 303). O diário se apresenta, dessa forma, como o amigo mais próximo a que tudo se confia, é nele que se pode fazer os desabafo que talvez não fossem feitos de outra forma. Cardoso, embora saliente que grande parte desse tom de desabafo tenha sido excluído de seus escritos, também o assume ao confessar: “Este Diário é uma súplica de remorso e de consciência culpada. Tenho agora outro remorso, é de não ter ido até o fim, de não ter perseguido até a fronteira, as sombras que sempre me acenaram de lá”. (CARDOSO, 2012, p. 359).

Segundo Santos, com o nome em evidência nos jornais após a publicação de *Crônica da casa assassinada* (1959), Cardoso encontraria condições propícias para concretizar um antigo projeto: “a publicação de um diário íntimo inspirado nas leituras daqueles elaborados por André Gide e Julien Green, cujas obras admirava” (SANTOS, 2008, p. 52).

Numa coluna de um jornal da época, Mauritônio Meira revelava detalhes sobre a futura publicação numa espécie de *marketing* do livro que seria publicado pela editora Elos no final do ano de 1960, e não em julho como informado inicialmente:

Vão ser publicados, finalmente os cinco volumes do *Diário íntimo* do romancista Lúcio Cardoso. Simões planejou o lançamento da primeira edição para julho, anunciando que guardará a composição do livro para uma segunda edição “que será necessária imediatamente”, dado o grande interesse que o livro despertará. (MEIRA, 1960, p. 6).

Meira salientava as temáticas polêmicas do livro, como a homossexualidade, a fim de gerar expectativas e a curiosidade do público leitor, embora Cardoso não tenha tratado do tema tão explicitamente no livro.

Pires destaca o registro das leituras e a filiação literária, bem como a temática da religiosidade bastante presente na narrativa diária. O gosto pela confidência e a atração por essa tipologia textual se fazem presentes em outras obras cardosianas. Pires cita como exemplo *Crônica da casa assassinada* (1959) que “mimetiza a escrita de diários, cartas e depoimentos” (PIRES, 1998, p. 102).

O diário também é uma possibilidade de *conhecer-se*. Lejeune defende essa utilidade quando afirma que “o papel é um espelho. Uma vez projetados no papel, podemos nos olhar com distanciamento. [...] É certo que só é possível viver com alguma autoestima, e o diário será, como a autobiografia, o espaço de construção dessa imagem positiva” (LEJEUNE, 2014, p. 303-304). Por meio do diário, de sua leitura, tem-se a possibilidade de se enxergar a si próprio através do olhar do distanciamento, permitindo uma construção contínua e positiva, experiência essa à qual Cardoso não se furtou:

Como é difícil encontrar a si mesmo: tanto tempo perdido, tantas amizades destruídas, tanta palavra esquiva e abandonada que mais tarde se transforma em veneno, tanto rumor, tanta vaidade inútil, para finalmente encontrar um pouco de mim mesmo – esta leveza, esta ausência de paixões, este coração de criança – ouvindo três sonatas de Schubert. (CARDOSO, 2012, p. 400).

Em várias ocasiões, deixou registrado como a leitura de seu diário alterava profundamente a construção de si e de suas impressões. Em outra de suas anotações desse caráter revisional afirma: “Revendo o primeiro volume do *Diário* para publicação – quanta coisa me parece inútil, que eu poderia ter deixado de dizer” (CARDOSO, 2012, p. 443).

Na função de *deliberar*, Lejeune reforça que “o diário está voltado para o futuro. [...] Escrever força a formular os desafios e os argumentos, deixando vestígios que poderão ser repensados” (LEJEUNE, 2014, p. 304). Para ele, o diário é local de reflexão, servindo de construção para o futuro, com o registro das impressões que podem ser revistas, no sentido de tomar decisões. Assim, Cardoso também se utilizava dos seus diários. Em uma passagem fica clara a possibilidade deliberativa contida na leitura de seus escritos e uma de suas mais importantes funções:

Há exatamente um ano, iniciava eu este *Diário*. Através de tantas lacunas e tropeços, de tantas ausências e esquecimento, vem sendo ele, na verdade, o único itinerário válido da minha vida. Não sei qual é a força que comanda a necessidade das coisas, mas sinto-me percorrido por tendências e opiniões tão contraditórias, que o esforço para fixar-me é a origem do nascimento destes cadernos. (CARDOSO, 2012, p. 293).

Sérgio Barcellos alega que os estudos de Lejeune colocam os leitores de diários em dois papéis extremos: confidente ou *voyeur*. Segundo ele, há “no repertório diarístico

diversos exemplos de leituras consentidas, de leituras invasivas e de diários impotentes – porque mortos ou incapacitados – diante da intromissão do leitor voyeur, ou expectante, diante do convite do leitor confidente" (BARCELLOS, 2007, p. 49-50). Além dessa escolha inspirada em Lejeune, Barcellos aposta em outra opção em que o leitor seja partícipe ou "presença ostensiva, subliminar" na tentativa do reconhecimento de si próprio na gênese narrativa.

Para Martins (2013, p. 129), os diários estabelecem o espaço de um sujeito que se volta para si mesmo num mergulho no "eu", buscando o autoconhecimento através das experiências vividas. "Por que ler um diário? Quais as razões que movem o leitor para a literatura confessional? Seria apenas a curiosidade? Um consolo talvez? Ou uma identificação com os problemas pessoais do autor?" Refletindo sobre questões comuns aos pesquisadores da escrita confessional, Martins conclui que, de acordo com o conceito de introspecção, o autor de diários busca "na criação literária a emergência de si mesmo, num processo contínuo de autoconhecimento", processo esse que recria experiências vividas pelo desdobramento do "eu" numa reconstrução de si mesmo. Seria uma das possibilidades de identificação dos possíveis leitores da escrita de si (MARTINS, 2013, p. 129).

Por sua vez, Pires justifica seu interesse em pesquisar diários por serem escritos que envolvem a questão da memória subjetiva e da memória cultural. Ainda que sejam pertencentes ao terreno memorialístico, os diários não precisam, necessariamente, pertencer ao terreno autobiográfico. A autora adverte que sempre houve controvérsias quanto ao valor dos diários íntimos, bem como indefinições de classificação e gênero e acusações de serem uma realização narcisista até que fossem reconhecidos pelo seu valor literário (PIRES, 1998, p. 95).

Manter um diário significaria enclausurar-se, distanciar-se do mundo e das pessoas? De acordo com Lejeune, essa premissa não se sustentaria diante dos grandes gênios que mantiveram diários e se destacaram pela sua criatividade, em nada prejudicada por essa prática íntima. Cita Stendhal, Delacroix e Victor Hugo entre outros, cuja criatividade e imaginação não poderiam ser questionadas e muito menos o interesse destes pelo mundo (LEJEUNE, 2014, p. 308).

Outro questionamento a ser desconstruído seria a atribuição de temperamentos fracos ou perturbados à personalidade dos diaristas. Lejeune indaga: "Como transformar o 'foro íntimo' em campo de defesa onde recuperamos as energias e buscamos forças? O diário pode trazer encorajamento e apoio" (LEJEUNE, 2014, p. 304-305). Para ele, a prática do diário pode oferecer resistência frente aos obstáculos da vida. Talvez o maior exemplo na

história contemporânea desse estilo esteja contido no diário de Anne Frank que, durante a Segunda Guerra Mundial, protegida em um esconderijo, serviu-se de seu diário para registrar, numa atitude de resistência, as atrocidades a que os judeus foram submetidos.

Nos diários de Lúcio Cardoso não estão explícitas passagens de uma resistência a adversidades de proporções tamanhas como o assolamento de uma guerra, mas, nas entrelinhas de sua escrita diária, pode-se observar outra forma de resistência. Cardoso publica em seu diário uma carta escrita a um frade e que nunca fora encaminhada. Nessa carta, ele expõe seus conflitos e anseios amalgamados à sua fé. Ele se reconhece confiante na misericórdia divina para com suas faltas, dentre essas, cita sua escrita como uma chaga, um mal do qual não pode fugir. Assim, confessa:

Não meu caro Frei..., não nos salvamos com um retiro de um mês, e nem coordenamos assim tempestades que não existem. Um problema existe, sim, e grave, mas há vinte anos que eu me debato dentro dele, e é possível que, ultrapassando-o, nada mais me afaste desses sacramentos que são a base de toda a vida eterna. Este problema sou eu mesmo, simplesmente. Não preciso ferir a natureza particular de meus defeitos, para confessar que unicamente eles me impedem uma submissão total à Igreja – é que, lá dentro, esses defeitos que sou eu mesmo, não teriam lugar e, sem eles, no momento eu não consigo imaginar-me bem. (CARDOSO, 2012, p. 323).

A resistência à submissão religiosa na tentativa de solucionar um problema íntimo é latente. Lúcio Cardoso não se enquadrava em dogmas religiosos, apesar de se observar, em seus escritos íntimos, diversas passagens em que, de alguma forma, aborda a religiosidade, quer seja através de críticas às passagens bíblicas, como as que aparecem em “Diário 0”, quer seja através de confissões em que demonstra fé quando declara:

Não acredito que tenhamos perdido Jesus Cristo, como tantos homens de ideias gostam de apregoar [...]. Reflito isto amargamente, enquanto penso num outro Jesus Cristo, despojado e nu, com o corpo coberto de cicatrizes. E passo e torno a passar diante da igreja iluminada, sem coragem para entrar, sentindo que meu lugar não está ali, e que lá dentro só existe um grande espaço esvaziado da verdadeira grandeza. Uma grande onda de ternura se apossa de mim e caminho mais depressa, sentindo que o ar se torna mais leve e que já não me acho tão sozinho. (CARDOSO, 2012, p. 325).

Por meio de seus pensamentos e reflexões, que tangem em grande parte às questões do homem no mundo, à sua religiosidade, sexualidade e seu projeto literário, Cardoso resiste. Não há como separar totalmente esses termos, pois, como na vida, em sua obra tudo isso também se aglutina e explana ao leitor muito de quem foi o homem, o escritor e o diarista Lúcio Cardoso:

Durante muito tempo procurei obter uma visão pessoal do mundo, e não consegui senão quando obtive uma visão pessoal de mim mesmo. (Não sei bem a quem possa

interessar tais afirmativas, mas sou um homem eminentemente gratuito). Reafirmo, em vez de limitar o mundo por ideias falsas que seriam simplesmente adotadas por mim, apenas o limitei a uma expansão do meu ser, a uma dilatação interior que me garantiu um pleno conhecimento e uma avaliação mais ou menos autêntica do existente. Porque não se cria nada vindo do exterior – a velha verdade – mas em permanente colaboração com as forças mais obscuras e mais indeterminadas que nos percorrem. (CARDOSO, 2012, p. 533).

Como possibilidade de *pensar* por meio da escrita, Lejeune reflete que “a forma do diário desloca a atenção para um processo de criação, torna o pensamento mais livre, mais aberto a suas contradições, e comunica ao leitor a dinâmica da reflexão tanto quanto seu resultado” (LEJEUNE, 2014, p. 305). É como se o diário oferecesse suporte à criação literária e à vida como laboratório para as narrativas. Essa utilidade do diário compreende todas as outras apresentadas, resguardando suas respectivas peculiaridades.

Por fim, quanto à última utilidade do diário apresentada por Lejeune, qual seja, *escrever*, o autor enfatiza que “mantém-se, enfim, um diário porque se gosta de escrever. É fascinante transformar-se em palavras e frases. [...] O prazer é ainda maior por ser livre. [...] Pode-se escolher as regras do jogo” (LEJEUNE, 2014, p. 305-306). De forma semelhante, para Cardoso, o diário é antes de tudo o gosto pela escrita. Em uma passagem específica, ele próprio responde a essa indagação:

Por que escrevo? Infindável é o número de vezes que já fiz a mesma pergunta e sempre encontrei a mesma resposta. Escrevo apenas porque em mim alguma coisa não quer morrer e grita pela sobrevivência. [...] – para que me escutem se morrer agora. E depois, é inútil procurar razões, sou feito com estes braços, estas mãos, estes olhos – e assim sendo, todo cheio de vozes que só sabem se exprimir através das vias brancas do papel. (CARDOSO, 2012, p. 244).

Como tantas vezes deixou registrado em seu diário, escrever para ele tratava-se de suprir o silêncio e a solidão que sentia dentro de si. Seu compromisso era com a escrita em si, se o que escrevia agradava ou era considerado verdadeiro para outros, isso não o preocupava muito, conforme se verá a seguir.

### **Reflexões sobre os diários e a verdade**

Outro aspecto que se pode destacar em relação aos diários é o que Martins denomina de escrita intencional, quando o escritor escreve com a presença de um leitor implícito: “a escrita íntima intencional também exige do autor um compromisso estético, deixando de ser um livre fluxo de desabafo para tornar-se uma obra literária” (MARTINS,

2013, p. 128). Essa consciência da possibilidade de publicação, bem como o diálogo implícito entre autor e leitor, pode ser observada em vários trechos de *Diários*.

Em “Diário 0”, na nota introdutória à publicação do primeiro grupo de escritos, Cardoso escreve: “Quando estas anotações foram primeiro tomadas, havia a intenção firme de uma publicação posterior integral e sem qualquer retoque na sua redação instantânea” (CARDOSO, 2012, p. 39). Esse primeiro comentário é complementado com a informação de que seriam necessários retoques e cortes ao conteúdo para fins de publicação. Esse primeiro conjunto de escritos, bem como sua nota introdutória, ficaram inéditos até 2012.

Em outro trecho, reflete sobre as motivações da escrita de um diário: “Escrevo para que me escutem – quem? Um ouvido anônimo e amigo perdido na distância do tempo e das idades” (CARDOSO, 2012, p. 244). Cardoso reflete junto aos seus possíveis leitores sobre a necessidade da escrita para vencer o tempo e procura a identificação de um ouvido amigo com quem possa compartilhar suas angústias e reflexões. Questiona-se sobre o futuro, pergunta-se que olhos tombarão sobre suas notas, olhos, descritos como “frios e desinteressados” (CARDOSO, 2012, p. 469), olhos que não arrancarão da frase a real experiência vivida, pois jamais terão a ciência exata sobre o momento compartilhado e descrito no diário. Duvida da sua própria capacidade de representar a verdade e da possibilidade do leitor de compreensão de tais sensações e pensamentos, pois os diários seriam feitos de momentos e do entendimento de sensações “furtivas e precárias”. Segundo André Seffrin, na maré contrária a maioria dos escritores de sua geração, Lúcio tinha consciência de suas limitações e uma noção nítida da abertura de possibilidades da escrita que realizava: “Poucos autores nacionais terão se espelhado tanto na obra a ponto de fazer dela a história das suas frustrações e angústias, dos seus medos e conquistas” (SEFFRIN, 2009, p. 10).

Pires assevera que as experiências subjetivas refletidas nos diários de Cardoso mesclam-se ao contexto cultural e sócio-político da época: “lembranças de pessoas, de lugares e de leituras aparecem entre notas em que o escritor faz profundos questionamentos de cunho existencial” (PIRES, 1998, p. 96), revelando de fato o que o escritor viveu, sentiu e observou: “Os diários, por serem textos datados, contêm implícita ou explicitamente informações sobre o contexto da época em que foram escritos” (PIRES, 1998, p. 101). A pesquisadora evidencia, também, que essas informações passam pelo filtro das experiências pessoais do diarista que reflete tanto seu modo de ver o mundo como seu posicionamento ideológico. Além dessas informações que são fontes para a memória histórico-cultural, os diários de Cardoso descrevem suas leituras e seu processo de produção ficcional e artística.

Sobre um de seus romances, Cardoso expõe em diversos trechos a dificuldade em achar a forma exata da expressão: “Luto em vão com o terceiro capítulo de *O viajante*. Parece-me, não sei, que não tinha seu desenvolvimento suficientemente amadurecido. [...] Tenho de refazê-lo todo e fico imaginando o tempo que sobra, até julho, data que marquei para concluir este romance” (CARDOSO, 2012, p. 447-448). Após escrever várias versões para esse romance, Cardoso o deixou inacabado, sendo uma dessas versões publicada postumamente em 1973.

A questão da publicação dos diários na contemporaneidade parece ser menos problemática do que o era no final do século XIX e início do século XX, pois o escritor atual encontra-se em outro plano em relação à escrita e aos leitores. A globalização e a virtualidade são realidades que por si já expõem as ditas “confidências”, mudando a referência do que é público e do que é privado. Para Cardoso, publicar seus diários ainda em vida, na década de 1960, época em que não havia tantas publicações desse gênero, era uma atitude inovadora. Ditas em relação a um momento específico e lidas posteriormente como uma verdade fundamental aplicada a quaisquer situações, as palavras estariam sujeitas às modificações do tempo e ao amadurecimento das ideias do escritor. Em prefácio escrito para acompanhar o segundo volume do diário, mas não publicado à época, Cardoso adverte:

A tarefa do verdadeiro escritor [...] é pressentir por onde as ideias ressuscitam. O que outrora me deixava indiferente, hoje me é instrumento de paixão, não por um orgulho [...] de quem não se entrega à evidência dos fatos, mas por um sofrimento consciente que me adverte da sinceridade da minha vocação. Aqui e ali, por erros circunstanciais, posso ter falseado o pé e dito mais do que pretendia – jamais do que devia. Pode parecer, nesta grande festa democrática que viu nascer o meu caderno, que prossegui dedilhando solitário a minha lira de entusiasmos atrasados. Por mim, acreditava estar inaugurando uma das coisas mais novas do mundo. (CARDOSO, 2012, p. 179-180).

A verdade relativa nos escritos ficcionais ou confessionais é motivo de estudo de Foucault quando afirma que “a escrita como exercício pessoal praticado por si e para si é uma arte da verdade contrastiva” por ser uma maneira de combinar a autoridade do já dito – com a singularidade da verdade que lhe é própria – com a particularidade da aplicação ao momento e à circunstância do seu uso posterior (FOUCAULT, 1992, p. 141). Dessa forma não há garantias de que a verdade presente nos escritos seja a mesma encontrada na interpretação da leitura feita posteriormente sob outras circunstâncias. A escrita, seja ela ficcional ou não, está sujeita às interpretações da leitura de um outro que não coincidirá com o momento da escrita.

Cardoso, consciente dessa perspectiva da leitura-outra, conclui que “a verdade inteira jamais poderá ser dita. O importante é escrever aquilo que nos ocorre – sua ‘verdade’, seu ‘peso’, virá depois, se houver necessidade disto” (CARDOSO, 2012, p. 447).

Blanchot assegura que aquele que se utiliza do recurso de escrita diarística não quer romper com a felicidade, a conveniência de dias que sejam verdadeiramente dias, enraizados no tempo e momento da escrita, pela data: “Talvez o que é escrito já não seja mais do que insinceridade, talvez seja dito sem preocupação do verdadeiro, mas é dito com a salvaguarda do evento, pertence aos negócios, aos incidentes, ao comércio do mundo, a um presente ativo” (BLANCHOT, 2011, p. 20-21). Embora escrito no presente, o tempo dessa escrita tem uma duração que pode ser considerada nula ou insignificante. Mesmo sujeito à reescrita, o momento descrito no diário não tem retorno, pertence já ao passado, mas inscreve-se e avança para o futuro quando poderá ser relido e ressignificado de outras verdades.

Para Cardoso, o ideal para um diário não seria um processo constante de autoanálise, para ele, considerado como enfadonho, sem grandes novidades, mas sim “alguma coisa que participe da invenção. Gênero híbrido, a ser tentado” (CARDOSO, 2012, p. 270).

Na concepção de Pires, ao qualificar o diário de “gênero híbrido”, Cardoso justifica a necessidade de inserir a invenção em sua narrativa diária, bem como a necessidade de inscrever a própria vida e suas experiências pessoais na obra ficcional (PIRES, 1998, p. 102). Tais necessidades poderiam ser interpretadas como uma ressignificação do conceito da narrativa confessional.

### **Considerações finais**

A literatura intimista, introspectiva e de caráter psicológico de Lúcio Cardoso, por tantos estudada e tantas vezes analisada em seus romances ficcionais, se vê refletida, da mesma forma, em seus escritos diários. A presença da perspectiva de si mesmo como um outro a ser desnudado é nítida em seus textos. Cardoso, que não se furtava a escrever sobre a verdade, apenas tentava demonstrar que não existe uma realidade única e basilar em que se possa amparar, pois, ele próprio se encontrava refletido em vários espelhos e fragmentos de reflexões filosóficas que, por vezes contraditórios, refletiam temas de sua ficção: a loucura, a homossexualidade, o incesto e o mal como intrínseco ao ser humano.

O fato de se escrever um diário reforça o desejo de pensar sobre os vários registros ali inseridos, sejam eles de caráter memorialístico, descritivo ou apenas do registro cotidiano. No entanto, ao se referenciar essa utilidade do diário à escrita de Lúcio Cardoso,

pode-se notar que o diário, para ele, serviu, em grande parte, como laboratório de sua escrita literária. Por meio da escrita íntima de Cardoso o leitor percebe como os registros de suas leituras, as reflexões acerca delas e, principalmente, os depoimentos de sua criação literária foram fortemente influenciados pela experiência do exercício do diário. Sua leitura revela, ainda, a materialidade da criação ficcional: a relevância da criação de um ambiente onde as personagens se fizessem independentes e pudessem criar vida, assim como o próprio Lúcio se fazia personagem do seu diário.

Por fim, cabe ressaltar que os vestígios dessa escrita fragmentada, sem autoridade de datas e fatos nos diários e demais escritos cardosianos, é fonte fidedigna da construção de uma identidade memorial. Além disso, retrata o processo de construção literária desse escritor e serve de testemunho da projeção de um homem que busca vencer o seu tempo.

### **Referências:**

BARCELLOS, Sérgio. Aproximações: teorias contemporâneas da literatura, identidade e diários. **Terra roxa e outras terras**: Revista de Estudos Literários, Londrina, v. 9, p. 44-55, 2007. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/>>. Acesso em 20 jan. 2014.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Trad. de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

CARDOSO, Lúcio. **Diários**. Organização de Ésio Macedo Ribeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

FOUCAULT, Michel. “A escrita de si”. In: FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992, p. 129-160.

GLIKSOHN, J.-M. “Julgar”. In: BRUNEL, P. et al. **A crítica literária**. Trad. de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1988, p. 59-78.

LEJEUNE, Philippe. “Um diário todo seu”. In: LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Organização Jovita Maria G. Noronha. Trad. de Jovita Maria G. Noronha, Maria Inês C. Guedes. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014, p. 297-309.

MARTINS, Anna Faedrich. “Os perfis da literatura de introspecção: o diário em Vergílio Ferreira e a autoria na autoficção”. **Desassossego**, São Paulo, v. 1, jun. 2013, p. 125-138.

MEIRA, Mauritônio. “Vida literária”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31 maio 1960, p. 6.

PIRES, Antônia Cristina de Alencar. “A voragem da escrita: considerações sobre o diário de Lúcio Cardoso”. In: BRANDÃO, Ruth Silviano (Org.). **Lúcio Cardoso – a travessia da escrita**. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 94-105.

RIBEIRO, Ésio Macedo. “Apresentação”. In: CARDOSO, Lúcio. **Diários**. Organização de Ésio Macedo Ribeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012, p. 9-19.

SANTOS, Cássia dos. “Vicissitudes de uma obra: o caso do Diário de Lúcio Cardoso”. **Centro de Estudos Portugueses**, Belo Horizonte, v. 8, n. 39, jan./jun. 2008, p. 51-78.

SEFFRIN, André. “Uma gigantesca espiral colorida”. In: CARDOSO, Lúcio. **Crônica da casa assassinada**. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 7-13.

## **DIÁRIOS: THE CONFESSIONAL WRITING OF LUCIO CARDOSO UNDER THE LIGHT OF PHILIPPE LEJEUNE'S THEORY**

### **Abstract**

Starting from Philippe Lejeune's studies on self writing that appear in the book *O pacto autobiográfico* (2014), the present research focuses on the work *Diários*(2012) by Lúcio Cardoso (1912-1968) in its most recent edition organized by Ézio Macedo Ribeiro. In his study, Lejeune dedicates a chapter to confessional writing, considering it a subgenre of autobiography and explaining the several uses of keeping a journal. The Lúcio Cardoso's journals are a source of research for those who want to know more about the confessional writing of this writer and for those who wish to follow the way of production of his novels. They reveal, in essence, traces of introspection and fragmentation, these features will be present in his work as a whole. Interweaving the intimate writings of Lúcio Cardoso with Lejeune's considerations, we aim at elucidating Cardoso's text, regarded here as a starting point to understand his literary, political and religious concepts besides other themes discussed in his journals.

### **Keywords**

Confessional writing. Lúcio Cardoso. Journal. Philippe Lejeune.